

Temas dominantes no C. A. T. numa população de crianças portuguesas de 6 anos

Estudo preliminar

ANTÓNIO CASTRO FONSECA (*)

INTRODUÇÃO

A interpretação das respostas obtidas ao C. A. T. (1) tem-se processado, tradicionalmente, segundo duas orientações principais.

Na primeira, directamente inspirada na Teoria Psicanalítica, dá-se a primazia ao protocolo considerado em si mesmo, como um todo isolado e completo com vista a um diagnóstico individual. As inferências que, a partir dos protocolos, o psicólogo procura fazer sobre a personalidade dos indivíduos baseiam-se, essencialmente, quer no grau de adaptação das histórias às imagens respec-

tivas, quer na recorrência de certos temas ao longo de um mesmo protocolo, quer na identificação do tipo de angústia eventualmente subjacente a esses temas, quer ainda na identificação dos mecanismos de defesa utilizados pelo indivíduo no controlo dos sentimentos, impulsos, tendências ou conflitos suscitados pelas diferentes lâminas. Esta maneira de proceder é, talvez, a mais divulgada na utilização clínica deste teste. De acordo com ela, a determinação das respostas normativas para cada lâmina tem um valor muito secundário e pode até ser inteiramente dispensável. Como defende Bellak (1975, p. 258):

«... na realidade, cada pessoa e cada protocolo constituem uma amostra de uma população de necessidades e variáveis do comportamento».

Quanto à segunda orientação, mais próxima da tradição psicométrica, caracteriza-se pelo empenho posto na identificação das respostas mais frequentemente obtidas, numa população considerada normal. Essas respostas, também por alguns designadas dominantes ou banais, constituiriam como que um ponto de referência, como que uma norma, graças à qual se poderia ver se as respostas de cada indivíduo se afastam da maneira de pensar e de sentir da maioria.

(*) Licenciado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação de Genebra. Assistente da Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra.

(1) C. A. T. (Teste de Apercepção Temática para Crianças) é a versão do T. A. T. para crianças, construída por Bellak, em 1949. Consta de 10 lâminas com figuras de animais que ilustram situações consideradas por esse autor como sendo das mais significativas na vida da criança, dos 3 aos 10 anos. Em 1965, Bellak construiu outra versão do mesmo teste: o C. A. T. — Figuras Humanas, originariamente destinado a crianças de mais de 7 anos. As respostas normativas para este teste, numa população portuguesa, foram estabelecidas, num estudo recente, por Danilo Silva (1980).

A sua identificação comporta inúmeras vantagens: constitui um quadro de referência capaz de impedir interpretações demasiado subjectivas por parte dos psicólogos, permite uma análise uniforme dos mesmos protocolos entre diferentes cotadores, leva a uma melhor diferenciação das narrativas em função das variações socioeconómicas e culturais das crianças e, finalmente, possibilita uma melhor comparação das respostas de diferentes registos do normal ou do patológico. A importância das respostas dominantes é, de resto, reconhecida mesmo por autores que defendem uma interpretação psicodinâmica dos protocolos como facilmente se depreende desta passagem de Haworth (1966, p. 63):

«Antes de utilizar qualquer conjunto de normas o psicólogo clínico deve ter-se informado acerca da população a partir da qual foram estabelecidas essas normas; pois, variáveis culturais podem invalidar a sua utilização num grupo diferente.»

Por seu turno, o próprio Bellak acaba por admitir (1975, p. 264), que «as respostas (ao C. A. T.) só podem ser consideradas *normais* ou *perturbadas* em termos de necessidades, impulsos e capacidades dominantes que são típicos das crianças dum determinado nível etário».

Sendo assim, a determinação dos temas dominantes ou banais deveria constituir a condição *sine qua non* para a análise das respostas das crianças ao C. A. T. quer na prática clínica quer na investigação. Só conhecendo, previamente, as respostas dominantes para cada lâmina nas crianças dum determinada cultura e dum determinada idade poderemos decidir até que ponto as respostas dum determinado indivíduo se afastam da média e em que sentido vai esse desvio.

O objectivo deste trabalho é, precisamente, identificar os temas dominantes ou banais obtidos com o C. A. T. numa população muito restrita de crianças portuguesas de 6 anos. A nossa análise incidirá, quase

exclusivamente, sobre o tipo de actividades referido pela criança para cada lâmina deste teste. Qual a frequência dessas actividades? Haverá, a esse respeito, alguma diferença entre os rapazes e as raparigas? Até que ponto as respostas diferem dos temas originalmente encontradas por Bellak na população americana? Quais as lâminas que mais facilmente suscitam os temas banais?

A. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA

Os resultados a seguir apresentados foram obtidos a partir de uma população de 52 crianças de 6 anos de idade (26 rapazes e 26 raparigas) que frequentavam, em 1983, diferentes escolas da cidade de Coimbra⁽²⁾. Os critérios utilizados na selecção deste grupo foram por um lado, os respectivos Q. I., determinados por intermédio da N. E. M. I. — e que variavam entre 90 a 125; por outro lado, as informações obtidas numa breve entrevista com os respectivos professores, acerca do nível de aproveitamento escolar de cada aluno, do seu grau de adaptação à escola e de algumas características das suas famílias. Escolheram-se, assim, apenas crianças normalmente desenvolvidas do ponto de vista intelectual que beneficiavam, ao mesmo tempo, dum meio familiar harmonioso e que não apresentavam dificuldades de adaptação à escola. No que diz respeito às suas origens sociais, essas crianças eram provenientes de estratos sociais bem diferentes e ocupam também posições variadas na fratria.

⁽²⁾ Aqui deixamos o nosso reconhecimento aos Senhores Directores da Escola do Pátio do Castilho e das Escolas Anexas ao Magistério Primário de Coimbra, bem como às sras. professoras e srs. professores das crianças por nós examinadas. Agradecemos, igualmente, à Sr.^a Directora do Jardim Escola do I. O. S. de Coimbra e às respectivas Educadoras pela sua colaboração permanente.

QUADRO II
*Distribuição das crianças
segundo a profissão do pai*

Grandes grupos de profissões (CITP e OIT) 1960	População residente em Portugal Conti- nental activa, com profissão, sexo masculino	Total da amos- tra examinada (N = 52)
	%	%
0	1,8	25
1	1,7	15,4
2	5,0	9,6
3	6,6	9,6
4	48,2	17,3
5	0,7	—
6	3,7	1,92
7/8	28,2	21,2
9	3,7	0
10	0,6	0
	100	100

QUADRO I

Posição na Frataria

Filho único	17 %
do meio	12 %
mais velho	40 %
mais novo	31 %

B. A SITUAÇÃO DE EXAME

Cada criança foi interrogada duas vezes, sempre pelo mesmo psicólogo, em situação individual, numa sala do próprio estabelecimento escolar. A primeira sessão era destinada à tomada de contacto com a criança, à recolha de algumas informações anamnésicas e à passagem da N. E. M. I. A segunda sessão era reservada para a passagem do C. A. T. Nalguns casos, porém, esta ordem foi invertida — sendo o C. A. T. apresentado logo na primeira sessão. As duas sessões foram separadas por um intervalo irregular, de poucos dias, e a duração de cada uma dependia do ritmo de trabalho de cada criança mas não ultrapassava, em geral, os 30 ou 35 minutos. No caso do C. A. T., as instruções dadas a cada criança seguiam de perto as directrizes fornecidas por Bellak e limitavam-se ao seguinte (Bellak, 1975, p. 188):

«Olha, aqui tens estas figuras que representam animais. Eu gostaria que tu me

contasses uma história acerca deles. Uma história a dizer o que eles estão a fazer, o que eles fizeram antes, o que vão fazer depois, enfim como isso vai acabar.»

Em geral, as crianças compreendiam logo as instruções e respondiam de maneira adequada. Nalguns casos, porém, foi necessário repetir as instruções e recorrer a inquérito nas primeiras lâminas com o objectivo de levar a criança a ultrapassar o nível de simples descrição e a melhor caracterizar os personagens ou esclarecer certos aspectos mais confusos das suas narrativas. No fim do exame, punham-se todas as lâminas diante da criança, pedindo-se-lhe que indicasse, primeiro, aquela de que gostava mais e, a seguir, aquela de que gostava menos. Pretendia-se, com isso, verificar se havia alguma diferenciação entre rapazes e raparigas, a nível dessas escolhas, e se essas preferências coincidiam, eventualmente, com outras características das narrativas por eles fornecidas nessas mesmas lâminas.

C. SISTEMA DA ANÁLISE DOS PROTOCOLOS

Neste estudo considera-se que um tema é dominante ou banal em cada lâmina quando for referido, ao menos por 50%, das crianças de cada grupo. A escolha deste critério⁽³⁾ obrigou-nos à utilização de categorias bastante genéricas, pois, no caso de uma classificação demasiado analítica as respostas seriam necessariamente distribuídas por um grande número de categorias que, embora mais rigorosas sob o ponto de vista conceptual, seriam, no entanto, muito menos operacionais sob o ponto de vista prático, nomeadamente no que se refere à sua utilidade clínica.

Inspiramo-nos, ao fazer esta escolha, por um lado, na técnica de análise utilizada por Boulanger-Balleyguier (1957) no seu estudo sobre o C. A. T e, por outro lado, no método utilizado por Shentoub e Shentoub (1960), no estudo das respostas banais fornecidas por um grupo de adultos franceses a algumas lâminas do T. A. T. Assim a nossa maneira de proceder foi a seguinte:

- resumir fielmente as histórias de cada criança acerca de cada lâmina;
- fazer a análise de conteúdo de cada história, salientando as actividades aí referidas e as consequências que delas resultam;
- indicar as personagens que nela estão envolvidos e analisar as suas características mais importantes.

Desta análise resultaram algumas categorias, muito genéricas, para cada lâmina. Estas figuram nos quadros que a seguir

⁽³⁾ Não há entre os autores, um critério uniforme para a determinação dos temas dominantes ou banais. Uns utilizam o critério 50%, outros o critério 30%, outros o critério de 20%, outros ainda de 10%. Cf. a este respeito HAWORTH, 1966, pg. 67.

apresentamos. Embora a nossa atenção vá sobretudo para o tema banal ou dominante, apresentamos também, sumariamente, os outros temas encontrados, quer no grupo dos rapazes, quer no grupo das raparigas. As respostas que pela sua singularidade não se podiam incluir em nenhuma destas categorias, foram colocadas na categoria *Outros Temas*. Nalgumas narrativas não havia propriamente um tema, limitando-se a criança a uma simples descrição. Esse tipo de respostas não foi aqui considerado. A percentagem de acordo entre cotadores, calculada a partir de 40 narrativas, foi de 70% para o conjunto das categorias e para o conjunto das lâminas. Mas, no que diz respeito unicamente às respostas dominantes, esse acordo foi de 92%.

A ordem de apresentação dos resultados a seguir adoptada será sempre a mesma para cada lâmina.

Assim, em primeiro lugar, apresentamos a descrição que Bellak faz de cada lâmina; a seguir, a interpretação que a criança faz dos diferentes elementos que constituem o estímulo (caso a criança não omita nenhum); depois apresentamos o quadro com as diferentes acções do protagonista, pondo-se em destaque as actividades mais frequentes ou banais; e finalmente apresentamos, lâmina por lâmina, alguns comentários sobre esses temas.

D. TEMAS OBTIDOS EM CADA LÂMINA

Lâmina 1

Descrição do estímulo, segundo Bellak:

«Pintainhos sentados a uma mesa onde se encontra uma grande tigela com comida. Afastada, num dos lados uma galinha (ou um galo) grande vagamente delineada.»

1. Os personagens

A maior parte das crianças fala do personagem adulto. Mas 35% das raparigas e 27% dos rapazes referem-se apenas aos

pintainhos. Quando presente na narrativa o personagem adulto é quase sempre descrito com atributos femininos, excepto no grupo dos rapazes que também o identificam com personagens masculinas.

2. Temas encontrados

	Comer	Brincar	Ir para a cama	Outros temas
Rapazes	100 %	8 %	8 %	12 %
Raparigas	85 %	31 %	4 %	8 %

3. O tema dominante é o dos pintainhos a comer numa situação familiar; trata-se porém de histórias curtas, quase só descritivas. Na maior parte dos casos, não há uma conclusão propriamente dita. Ainda no quadro do tema dominante, temos no grupo dos rapazes 3 histórias em que aparece o adulto a tomar conta dos filhos que estão a comer. Num caso, a história descreve a mãe a preparar a comida para os filhos, e noutro, são estes que preparam as próprias refeições. A situação é semelhante ao grupo das raparigas: em três casos a galinha olha os pintainhos a comer; em 4 casos prepara-lhes a comida, enquanto noutros dois são os próprios pintainhos a ocuparem-se disso.

Quando aos restantes temas, aparecem com uma frequência muito reduzida, se exceptuarmos o tema *brincar* no grupo das raparigas (31%), tema que de resto é o que melhor diferencia as respostas dos dois grupos de sujeitos nesta lâmina.

Na categoria *Outros Temas*, há actividades bastante semelhantes nos dois grupos:

- Passear
- Fecundação e nascimento

- Ataque vindo do exterior
- Ir à escola.

Note-se a concluir, que os temas de frustração e de rivalidade fraterna, referidos como frequentes nesta lâmina, por Bellak só raramente apareceram nos nossos protocolos.

Lâmina 2

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Um urso a puxar uma corda dum lado enquanto outro urso e um ursinho puxam do outro lado».

1. Os personagens

Os animais são quase sempre vistos como três ursos; mas nem sempre se especifica o tipo de relação entre eles existente. Nalguns casos, poucos, são descritos como cães, lobos ou pessoas. Por vezes, só são mencionados dois personagens: um adulto, geralmente a mãe, e a criança.

2. Temas encontrados

	Puxar a corda	Escorregar/ /cair	Brincar	Ajudar	Lutar	Rebentar	Outros temas
Rapazes	73 %	42 %	42 %	15 %	8 %	4 %	8 %
Raparigas	92 %	31 %	15 %	15 %	8 %	12 %	15 %

3. O tema dominante é o mesmo nos dois grupos — *puxar a corda*. A sua frequência é, no entanto, maior nas raparigas; em contrapartida, o tema *Brincar* aparece mais vezes nos rapazes.

O tema *Queda* apresenta a mesma frequência nos dois grupos e diz, geralmente, respeito ao urso pequenino. Surpreendentemente, os temas de *Luta e conflito*, referidos como muito frequentes por Bellak, são muito raros na nossa população. A sua frequência é mesmo inferior à dos comportamentos de *ajuda*.

Finalmente, na categoria *outros temas*, encontramos actividades bastante diferentes dum grupo para o outro. No grupo dos rapazes temos: *Escorregar*. No grupo das raparigas temos: *Subida à serra, Intervenção da polícia, Agressão vinda do exterior,*

2. Temas encontrados

	Leão sentado a fumar	Rato a espreitar	Leão a Falar	Agressão	Deitar-se	Queda	Outros temas
Rapazes	92 %	35 %	19 %	26 %	8 %	12 %	8 %
Raparigas	69 %	15 %	15 %	15 %	12 %	0 %	8 %

2. O tema dominante — *leão sentado e/ou a fumar* — aparece com uma frequência ligeiramente maior no grupo dos rapazes que no das raparigas. Quanto ao rato, limita-se a espreitar, ou, mais raramente, a ser perseguido pelo leão e seus «ajudantes». Acontece, porém, que nalguns casos, o rato ataca e ridiculariza o leão com sucesso. Quanto às cenas de queda do leão, só aparecem no grupo dos rapazes que são também os únicos a descrevê-lo como velho e aleijado. Mas o enredo nem sempre se limita ao leão e ao rato; o leão aparece também a falar com familiares ou amigos (temas 5 e 6). No tema 7, incluem-se actividades tais como *roubar e passear* no grupo dos rapazes, e *procurar a coroa do rei* no grupo das raparigas.

Morrer. Qualquer destas histórias termina de maneira trágica ou violenta, no grupo das raparigas.

Lâmina 3

Descrição segundo Bellak:

«Um leão com cachimbo e bengala, sentado numa cadeira; no canto inferior direito aparece um ratinho num buraco».

1. Os personagens

No maior parte dos casos, o leão é percebido juntamente com o rato. Mas o leão também é frequentemente visto sozinho (42 % das raparigas e 31 % dos rapazes). Note-se ainda que, embora presente, o rato só raramente aparece interagindo com o leão.

Lâmina 4

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Um canguru de chapéu na cabeça, levando um cesto com uma garrafa de leite; na bolsa encontra-se um canguru-bebé com um balão; o filho maior vai de bicicleta».

1. Os personagens

Geralmente as 3 figuras são interpretadas como a mãe e dois filhos de idades bem diferenciadas. Algumas crianças falam de animais ou de cangurus sem especificarem as relações entre eles. No grupo dos rapazes são também introduzidos, às vezes, personagens estranhos: lobos, ladrões, pessoas estranhas ou o próprio pai.

2. Temas encontrados

	Andar ou ir de bicicleta	Passeio/ /piquenique	Ir às compras	Ir para casa	Outros temas
Rapazes	65 %	54 %	19 %	12 %	15 %
Raparigas	58 %	46 %	15 %	15 %	4 %

3. O tema dominante é, nos dois grupos, *andar de bicicleta*, mas a sua elaboração é tão pobre que por vezes fica quase ao nível da simples descrição. No grupo dos rapazes encontramos ainda um segundo tema dominante ou banal, isto é, *sair para um passeio* ou *para um piquenique*. Mas a diferença mais importante entre os dois grupos deve procurar-se a nível da categoria *Outros Temas*. No grupo dos rapazes aparecem aí actividades tais como: *Ir ao cinema*, *Jogar à bola*, *Roubar*, *Ir fazer campismo* ou *Ser atacado por estranhos*. No grupo das raparigas há um só tema nessa categoria: *os cangurus perdem-se na floresta*. Encontramos ainda nestes protocolos frequentes referências à neve (8 % dos rapazes e 15 % das raparigas). Alguns autores associam isso com possíveis tendências depressivas da criança. Sem discutirmos aqui os fundamentos dessa hipótese, parece haver no entanto uma outra explicação neste caso: na altura do exame caíra uma abundante camada de neve!..... Finalmente, quanto ao tema da rivalidade fraterna que segundo

Bellak é facilmente suscitado por esta lâmina, está praticamente ausente dos protocolos por nós recolhidos (apenas uma rapariga o menciona). Igualmente ausente está o tema da origem das crianças, que Bellak referira como frequente nas crianças americanas (1975).

Lâmina 5

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Um quarto escuro com uma grande cama ao fundo: dois ursinhos, em primeiro plano, num berço».

1. Os personagens

Na maior parte dos casos os ursinhos aparecem sós ou acompanhados por um dos pais, geralmente a mãe. Nalguns casos mais raros, as crianças falam simplesmente de animais sem qualquer outra especificação. Mas o enredo acaba sempre por passar-se à volta dos pequeninos.

2. Temas encontrados

	Dormir ou deitar-se	Levantar-se	Fugir	Conflito	Ataque do Exterior	Outros temas
Rapazes	81 %	0 %	8 %	8 %	16 %	8 %
Raparigas	100 %	31 %	0	4 %	0	23 %

3. O tema dominante inclui actividades tais como *estar a dormir*, *estar a brincar*, *estar a olhar pela janela* ou *a ver os pais*, e

ainda *estar na cama* com a luz acesa ou com a cabeça coberta. O ocorrência desses temas é mais frequente no grupo das rapa-

rigas que no dos rapazes. Por sua vez o tema *levantar-se* só aparece nas raparigas enquanto que os temas de *agressão* e *conflito* são exclusivos dos rapazes. Quanto aos conflitos, geralmente, circunscrevem-se à relação mãe/filho, em consequência duma desobediência deste último. Por sua vez, os temas de *fuga*, raros, acabam quase sempre duma maneira trágica. Finalmente, na última categoria, encontramos actividades bastante diversas. Assim no grupo dos rapazes, temos: *Namorar* e *Passear*. No grupo das raparigas temos: *Fazer a cama*, *Passear*, *Ver televisão*, *Sofrer um acidente*, *Afoagar-se*, *Cair*...

Contrariamente ao que refere Bellak, não encontramos nestes protocolos nenhum tema relacionado com a vida sexual dos

2. Temas encontrados

	Dormir	Comer	Brincar	Agressão	Outros temas
Rapazes	65 %	23 %	4 %	8 %	23 %
Raparigas	73 %	4 %	12 %	15 %	12 %

3. O tema dominante é muito semelhante ao da lâmina 5. Nos casos de *agressão* a vítima é quase sempre o ursinho e o ataque vem do exterior. Quanto ao tema *comer* é quase exclusivo dos rapazes, enquanto que o tema *Brincar* é quase exclusivo das raparigas. Quanto às respostas da categoria *Outros Temas*, são de tipo muito diverso. No grupo dos rapazes: *Fugir de casa*, *Casar-se*, *Morder*, *Passear*, *Entrar em conflito* com os outros. No grupo das raparigas esses temas são menos numerosos: *Levantar-se*, *Sair de casa*, *Passear*. As narrativas construídas tanto a partir desta lâmina como da precedente, são, com frequência, bastante pobres e descritivas.

Lâmina 7

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Um tigre com os dentes e as garras à

pais nem com cenas de masturbação e de manipulação genital nas crianças. Pelo menos, a nível de conteúdo manifesto.

Lâmina 6

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Uma toca escura com duas figuras de urso vagamente delineadas ao fundo; em primeiro plano, um ursinho deitado».

1. Na maior parte dos casos, a história anda à volta de 3 animais cujas relações familiares só raramente são especificadas; às vezes, só aparecem dois personagens: um adulto e uma criança; e em certos casos, mais raros, só, há referência a um personagem — o mais pequenino. Igualmente rara é a introdução de personagens estranhos.

vista atira-se a um macaco que, por sua vez, se lança para o ar».

1. Os personagens

O tigre (também às vezes designado por leão) e o macaco são correctamente percebidos por quase todas as crianças. Só uma rapariga é que fala de um leão e três macacos.

2. Temas encontrados

	O tigre ataca o macaco	Outro temas
Rapazes	92 %	4 %
Raparigas	92 %	15 %

3. O tema dominante, e quase exclusivo, nas histórias elaboradas a partir desta

lâmina é o do *ataque do tigre ao macaco*. Esse ataque tanto pode ser para o matar ou para o comer, como para o morder ou, simplesmente, para o levar para casa. Em muitas dessas narrativas o macaco tenta fugir, mas essa fuga quase nunca tem sucesso: só em 9% dos casos. Muitas vezes, porém, as histórias não têm propriamente uma conclusão.

No segundo tema, tigre e macaco aparecem envolvidos em actividades lúdicas: *brincar, correr, saltar...* Na terceira categoria, incluímos apenas três respostas das raparigas: *Dormir, Cair, Arranhar o dono*.

Dum modo geral, estes temas estão próximos da problemática que os autores do teste pretendiam ilustrar com esta lâmina.

Lâmina 8

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Dois macacos adultos num sofá a beber

2. Temas encontrados

	Macaco a falar com o filho	Comer	Macacos adultos a conversar	Brincar	Conflito	Outros temas
Rapazes	46 %	31 %	23 %	12 %	12 %	15 %
Raparigas	50 %	46 %	31 %	15 %	4 %	4 %

3. Não aparece aqui nenhum tema dominante se considerarmos a população no seu conjunto (*). A actividade mais frequentemente referida é a do adulto a falar com o macaquito. Outros temas, igualmente frequentes, são os que se referem a *macacos a conversar, a tomar chá ou café, a contar um segredo, a ver televisão* ou simplesmente a *descansar*. Quanto aos temas de *agressão e conflito*, são os que melhor diferenciam os dois grupos de crianças, pois são mais frequentes nos rapazes que nas raparigas. Os conflitos surgem entre a mãe e o filho, na sequência duma desobediência da parte deste. A agressão, essa vem, geralmente, de elementos exteriores à família e tem expressões bastante violentas. Finalmente, os temas da última categoria aparecem só nos

por chávenas de chá. Em primeiro plano um macaco adulto sentado num banco a falar com um macaquinho».

1. Os personagens

As crianças vêem quase sempre quatro indivíduos, nem sempre bem diferenciados, numa situação familiar. Por exemplo, pais, filho e um convidado ou uma outra pessoa de família. A referência à figura, no quadro atrás e em cima frequentemente vista como a avó, é mais rara nesta idade.

A acção desenrola-se, geralmente, em dois planos, bem diferenciados. No primeiro, o macaco adulto (pai ou mãe) fala com o macaquinho ou repreende-o; no segundo, há dois macacos adultos a conversar. As crianças identificam-se quase sempre ao macaquinho; mas algumas raparigas identificam-se também ao macaco adulto com flores no cabelo.

rapazes: *Passear, Deitar-se, Ajudar os outros*.

Lâmina 9

Descrição da lâmina segundo Bellak:

«Através da porta aberta dum quarto iluminado vê-se um quarto escuro. No quarto escuro há uma cama de criança onde está um coelho sentado a olhar pela porta».

1. Os personagens

O protagonista é sempre o coelho. Na maior parte dos casos aparece sozinho. A

(*) Mas se considerarmos só o grupo das raparigas então já temos um tema dominante: O macaco (muitas vezes considerado como sendo a mãe) a falar.

introdução de elementos estranhos, geralmente perigosos, é mais frequente no grupo dos rapazes do que no das raparigas. A pre-

sença da mãe é sugerida com a mesma frequência nos dois grupos.

2. Temas encontrados

	Estar ou ir para a cama	Acordar e levantar-se	Brincar	Agressão Vinda do exterior	Conversar	Outros temas
Rapazes	69 %	19 %	8 %	15 %	8 %	23 %
Raparigas ...	69 %	19 %	12 %	4 %	4 %	19 %

3. As percentagens do tema dominante são praticamente as mesmas nos dois grupos. Alguns exemplos: *o coelhinho está a dormir, a pensar, a olhar, a esperar pelos pais, a fechar a porta ou a cantar*. Outros temas, aqui classificados noutras categorias estão directamente relacionados com o tema dominante: *levantar-se, sair de casa, brincar*. O tema da *agressão* é frequente, sobretudo nos rapazes, que talvez por isso, são também os que apresentam mais sinais de ansiedade nas suas narrativas. Quanto à última categoria, inclui uma grande variedade de temas. No grupo dos rapazes temos: *Chorar, Ver televisão, Arrumar a casa, Ir fazer campismo, Fechar a porta, Zangar-se com a mãe*. No grupo das raparigas temos: *Ir à missa, Comer, Casar-se, Ver televisão*.

Lâmina 10

Descrição do estímulo segundo Bellak:

«Um cãozinho deitado nos joelhos do cão adulto, os dois desenhados com um mínimo de traços expressivos, as duas figuras estão sentadas no primeiro plano dum quarto de banho».

1. Os personagens

As duas figuras desta lâmina são quase sempre interpretadas como mãe e filho; mas também podem ser vistas como pai e filho (23 % dos rapazes e 50 % das raparigas). De modo geral, as crianças identificam-se com o cãozinho.

2. Temas encontrados

	O adulto limpa ou lava o pequenino	Conflito	Brincar	Conversar	Ir dormir	Outros temas
Rapazes	46 %	27 %	27 %	8 %	4 %	12 %
Raparigas	35 %	31 %	12 %	12 %	8 %	27 %

3. Não encontramos nas histórias referentes a esta lâmina nenhum tema dominante. As acções mais frequentemente aqui descritas, nos dois grupos de crianças, distribuem-se por um grande número de categorias e estão, de modo geral, relacionadas

com *actividades de limpeza* do próprio indivíduo. Essas referências são mais específicas nas raparigas do que nos rapazes. Estes, em contrapartida, descrevem mais frequentemente do que as raparigas cenas de brincadeira. Quanto aos temas que só aparecem

uma vez temos no grupo dos rapazes: *Ir para a prisão, Casar, Ladrar, Sair do banho*. No grupo das raparigas temos *Comer, Guardar o filho, Correr, Ladrar*.

Não apareceram, nos protocolos destas crianças, temas relacionados com qualquer forma de masturbação que Bellak dizia serem facilmente suscitadas por esta lâmina.

E. ALGUNS ASPECTOS DIFERENCIAIS

Examinando mais de perto a distribuição dos temas banais nas diferentes lâminas e as suas respectivas percentagens, podemos recolher um pouco mais de informação, quer sobre a própria natureza das lâminas, quer sobre a maneira como a elas reagem as crianças desta idade.

Certas lâminas parecem muito mais sugestivas do que outras, isto é, suscitam mais frequentemente do que outras, percentagens

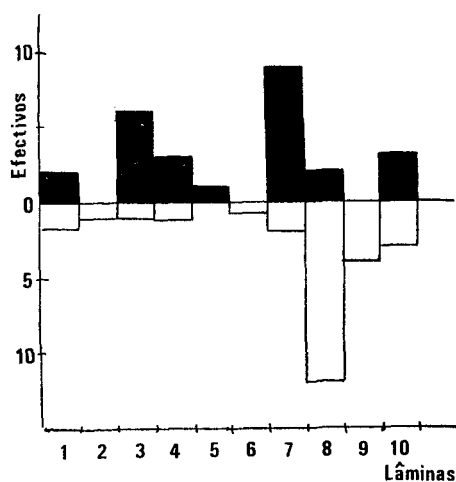
elevadas de temas banais. Estão nessa situação as lâminas 1, 2, 3, 5, 7.

Em qualquer delas o tema banal ou dominante é referido pela quase totalidade das crianças por nós examinada ou, pelo menos, pela sua grande maioria. Como explicar esta concentração das mesmas respostas em certas lâminas? Resultará isso da própria estrutura do estímulo? Será que essas lâminas sugerem mais directamente à criança a problemática que através delas se pretende ilustrar? Não serão essas percentagens simplesmente o resultado dum maneira comum de perceber e interpretar essas lâminas, numa população dum determinada idade e de uma determinada cultura? É muito provável que essas diferenças não resultem apenas da estrutura da lâmina, mas do conteúdo e do significado que ela tem para a criança. Com efeito, as percentagens dos temas dominantes não se distribuem da mesma maneira no grupo dos rapazes e no

Distribuição dos temas dominantes nas 10 lâminas do C. A. T.

Fig. 1

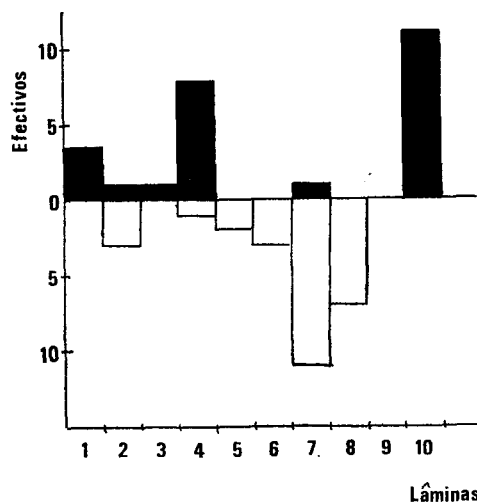
Grupo de rapazes



■ Lâminas escolhidas em primeiro lugar (as mais preferidas).
 □ Lâminas escolhidas em último lugar (as menos preferidas).

Fig. 2

Grupo de raparigas



das raparigas, por outras palavras, as lâminas mais sugestivas não são exactamente as mesmas nos dois grupos. Essas diferenças, embora não sejam estatisticamente significativas, surgem mais nitidamente nas lâminas nas 1, 2, 3, 5, 6. Isto significa, provavelmente, que as situações nelas representadas têm uma ressonância fantasmática diferente nos rapazes e nas raparigas. Será isso o resultado duma disposição natural ou deve-se apenas ao processo discriminador, de socialização, a que as crianças ficam sujeitas desde a mais tenra idade? A resposta a estas questões exige a análise sistemática e comparativa das respostas fornecidas por crianças de diferentes idades.

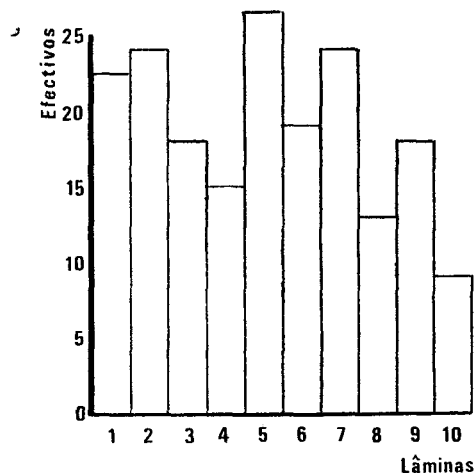
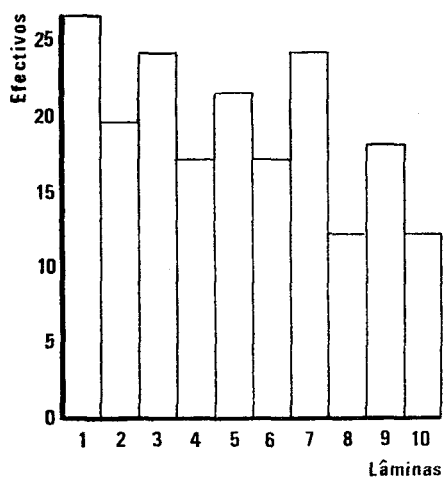
Um outro elemento diferenciador dos rapazes e raparigas, no C. A. T., são as suas

respostas ao inquérito final (lâmina mais preferida/lâmina menos preferida). As lâminas mais discriminantes a esse respeito são as 7 e 10 e, embora menos nitidamente, a lâmina 3. (cf. fig. 3 e fig. 4).

As escolhas que elas suscitam variam muito dos rapazes para as raparigas e, por vezes, vão mesmo em sentido oposto. Assim, a lâmina 7 é a mais preferida pelos indivíduos do sexo masculino ($\chi^2 = 6,68$, $p < .01$) e a mais rejeitada no grupo das raparigas ($\chi^2 = 6,65$, $p < .025$). A lâmina que é escolhida em segundo lugar na ordem de preferência dos rapazes não suscita praticamente nenhuma rejeição ou preferência no grupo das raparigas.

Quanto à lâmina 10, é mais preferida no grupo das raparigas que no grupo dos rapazes ($\chi^2 = 4,79$, $p < .05$). Nestes encontra-

Frequência de escolhas para cada lâmina



mos um número idêntico, mas sempre baixo, de escolhas e rejeições. Seria interessante verificar se esta divergência ao nível das escolhas resulta de alguma diferença biológica (cf. MACCOBY e JACKLIN, 1980) ou se é simplesmente o efeito da aprendizagem social nas crianças desta idade, nomeadamente no que diz respeito à socialização dos comportamentos agressivos. Nesta idade a criança parece com efeito, já ter assimilado certos valores e certos comportamentos próprios do sexo a que pertence. Assim as raparigas parecem mais sensibilizadas para as tarefas da educação dos filhos e para a vida em família (lâminas 4 e 10) e rejeitando simultaneamente qualquer atitude mais violenta ou mais agressiva (lâmina 7). Em contrapartida, os rapazes caracterizam-se por uma preferência mais nítida das situações de conflito e agressão. Neste sentido apontam não só as suas preferências pelas lâminas 7 e 3, mas também a ocorrência, bastante frequente, de temas ou de fantasias agressivas num grande número de narrativas. É certo que estas interpretações se baseiam num número reduzido de protocolos, mas nem por isso deixam de abrir algumas pistas de investigações interessantes para futuros trabalhos. A partir de que idade é que essas diferenças começam a manifestar-se ao nível das fantasias da criança? Haverá uma correspondência entre a diferenciação que se observa entre rapazes e raparigas ao nível dos comportamentos manifestos e ao nível das suas narrativas?

Por exemplo, a ausência de imagens agressivas nas histórias contadas pelas raparigas não será a consequência do recurso a certos mecanismos de defesa que levariam a criança à inibição da sua agressividade? A resposta a estas questões implicaria uma análise dos protocolos bem mais complexa onde, além da maneira como o indivíduo percebe o estímulo, se procuraria descobrir

a ressonância fantasmática e afectiva que nele tiveram as diferentes lâminas e o modo mais ou menos elaborado, mais ou menos adequado, como a criança as integra nas suas narrativas.

F. DISCUSSÃO

Este estudo tinha por objectivo determinar quais os temas dominantes ou banais, nas histórias fornecidas no C. A. T. por uma população muito restrita de crianças da cidade de Coimbra. Tratava-se duma análise essencialmente centrada na actividade que a criança atribui aos personagens das diferentes lâminas, deixando-se de lado vários outros aspectos do protocolo.

Os resultados obtidos mostram que cada lâmina suscita temas bem específicos e que tais temas são idênticos nos dois grupos de crianças, embora com percentagens diferentes. Mas, ao mesmo tempo verificou-se que outros elementos quer ao nível das narrativas, quer ao nível das escolhas, podem funcionar como indicadores para o estudo diferencial da vida afectiva e social das crianças. O estudo desses elementos exige um trabalho mais complexo e demorado de que a determinação dos temas banais constitui apenas um pequeno aspecto.

Finalmente, comparando os temas dominantes encontrados nesta amostra com a problemática apresentada por Bellak para cada lâmina registam-se algumas discrepâncias. O mesmo acontece com trabalhos realizados noutros países por diferentes autores (cfr. por exemplo, Brader-Blomart, 1970 e Guinand *et al.*, 1969). Na origem destas divergências estão, provavelmente, numerosos factores: uns ligados ao meio familiar e social, outros ligados à época em que tais trabalhos se efectuaram. outros ainda ligados ao modelo teórico utilizado por cada autor na sua interpretação dos protocolos.

ANEXO

LISTA COMPARATIVA DOS TEMAS DOMINANTES OU BANAIS
NUMA AMOSTRA PORTUGUESA, FRANCESA E AMERICANA DE 6 ANOS DE IDADE (1)

	AMOSTRA PORTUGUESA	AMOSTRA FRANCESA (Boulanger-Balleyguier 1957)	AMOSTRA AMERICANA BELLAK (1975)
Lâmina 1	M Comer F Comer	Dormir ou deitar-se Comer Comer	Temas orais: satisfação e privação Rivalidade fraterna
Lâmina 2	M Puxar a corda F Puxar a corda	Puxar a corda Cair Puxar a corda Cair	Combate Jogo Fuga
Lâmina 3	M Leão sentado a fumar F Leão sentado a fumar	Fumar Comer alguém Conflito Fumar Comer alguém	Leão visto como velho ou como poderoso Temas à volta do segundo animal Conflito entre os dois Rivalidade fraterna
Lâmina 4	M Andar de bicicleta F Andar de bicicleta	Conflito Andar de bicicleta Andar de bicicleta	Interesse pelo nascimento Temas de alimentação
Lâmina 5	M Dormir ou deitar-se F Dormir ou deitar-se	Dormir ou deitar-se Dormir ou deitar-se	Fuga Histórias relativas à cena primitiva Masturbação
Lâmina 6	M Dormir F Dormir	Dormir ou deitar-se Comer Dormir Comer	Temas relativos à cena primitiva Ciúme Masturbação
Lâmina 7	M O tigre ataca o macaco F O tigre ataca o macaco	Conflito Um animal ataca o outro Conflito Um animal ataca o outro	Agressão Medos ou desejos de Castração Temas orais de incorporação
Lâmina 8	M (2) F Macaco a falar com o filho	Falar Beber Falar Beber Dar ordens	Temas relativos à vida social Temas orais
Lâmina 9	M O coelho está na cama ou vai para a cama F O coelho está na cama ou vai para a cama	Levantar-se Dormir Conflito Comer	Medo do escuro Medo de ser abandonado Curiosidade pelo que se passa no quarto ao lado
Lâmina 10	M (2) F	Conflito	Temas de crime e castigo Temas relativos à aprendizagem da limpeza Masturbação

(1) Bellak não indica o tamanho nem a distribuição da amostra na qual encontrou os temas que nos apresenta. Desconhecemos igualmente qual a idade das crianças dessa amostra e qual o critério utilizado na determinação dos temas dominantes ou típicos. Os temas por ele encontrados referem-se aos rapazes e raparigas indiscriminadamente.

(2) Na lâmina 10 não encontramos nenhum tema que atingisse os 50 % — critério por nós utilizado para definir os temas banais — nem no grupo dos rapazes nem no grupo das raparigas.

Na lâmina 8 só o grupo dos rapazes é que não atingiu essa percentagem.

RESUMO

Passou-se o C. A. T. a uma população portuguesa de 6 anos de idade (26 rapazes e 26 raparigas) e a partir das suas respostas determinaram-se os temas dominantes ou banais para cada lâmina. As percentagens desses temas variam de umas lâminas para as outras e do grupo dos rapazes para o grupo das raparigas. Comparando estes resultados com os temas propostos para cada lâmina por Bellak, verifica-se que a coincidência nem sempre é total nos dois casos. Apontam-se algumas hipóteses para a interpretação dessas diferenças e reconhece-se a necessidade de novas investigações sobre uma população mais numerosa e mais diversificada.

BIBLIOGRAFIA

- BELLAK, L. (1975) — *The Thematic Apperception Test, The Children Apperception Test, and The Senior Apperception Technique in clinical use*, 3.^a ed., Grune e Stratton, N. Y.
- BOULANGER-BALLEYGUIER, G. (1957) — «Étude sur C. A. T., influence du stimulus sur les récits d'enfants de 3 à 8 ans», *Rev. Psych. Appl.*, 1957, 7, 1-28.
- BOULANGER-BALLEYGUIER, G. (1978) — *La Personnalité des enfants normaux et caractériels à travers le Test d'Apperception C. A. T.*, Monografia de Psicologia IV, ed. do C. N. R. S., Paris.
- BRADFER-BLOMART, J. (1970) — «Analyse des thèmes fournis au C. A. T. par des garçons de huit ans», *Enfance*, 1970, 215-233.
- GUINAND, M., DELFOSSE F. BRADFER-BLOMART, J. (1969) — «Utilisation de la notion de Banalité et d'Originalité dans l'interprétation de récits fournis au test C. A. T. par des filles de 8 ans», *Enfance*, Outubro-Dezembro, 1969, 309-337.
- HAWORTH, M. (1966) — *The C. A. T.: Facts About Fantasy*, Grune e Stratton, N. Y.
- MACCOBY, E., JACKLIN, C. N. (1980) — «Sex Differences in Agression: A Rejoinder and Reprise», *Child Development*, 1980, 51, 964-980.
- SHENTOUB, V., SHENTOUB, S. A. (1960) — «Recherche expérimentale et clinique du thème "banal" dans le T. A. T.», *Psychiatrie de l'enfant*. Vol. II, 2, P. U. F., Paris.
- SILVA, D. (1970) — *O Teste de Apercepção para Crianças — Figuras Humanas — C. A. T.-H.*, um estudo de Normas (Tese de Doutoramento). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- ZAZZO, R., GILLY, M., VERBA, M. (1980) — *Nova Escala Métrica da Inteligência*, Trad. e aferição portuguesa de J. Bairrão Ruivo e colab., 2 vols. Livros Horizonte, Lisboa, 1978-1980.

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE

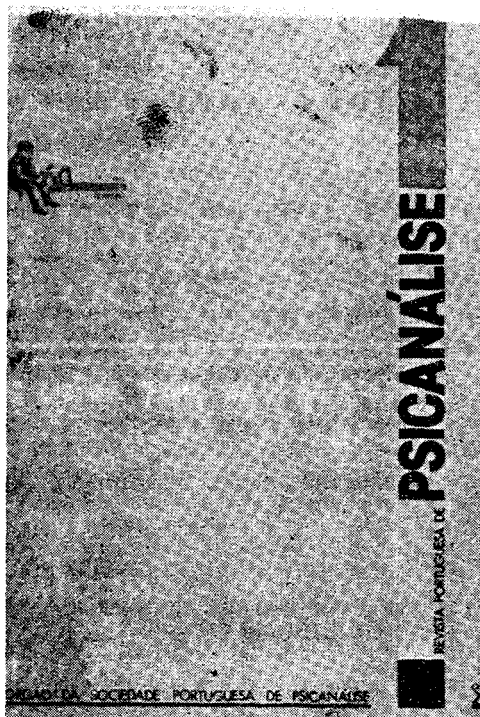
Veio a lume, no passado mês de Fevereiro, o primeiro número da *Revista Portuguesa de Psicanálise*, editada pela Sociedade Portuguesa de Psicanálise e a sair duas vezes por ano. Dirigida pelos Drs. João dos Santos e Carlos Amaral Dias, integram o seu Conselho de Redacção os Drs. Pedro Luzes, Mário Casimiro, Eduardo Luis Cortesão, Jaime Milheiro e António Coimbra de Matos, sendo a responsabilidade gráfica de Gil Maia.

Do Editorial deste número, sob o título «A Traição Inevitável», da autoria do Dr. João dos Santos, respigámos as seguintes passagens:

«A Revista que a Sociedade Portuguesa de Psicanálise agora lança é uma velha aspiração dos psicanalistas portugueses. O seu objectivo é o de deixar registados os trabalhos portugueses e de estabelecer, através deles, relações mais estreitas com os colegas estrangeiros. Não se destina naturalmente aos (ainda) pouco numerosos sócios da nossa Sociedade e, por isso, penso que, nesta primeira apresentação, me devo dirigir mais àqueles que, para além dos membros, vão constituir o nosso público. (...)

Quererá tudo isto dizer que consideramos que o diálogo de inconsciente a inconsciente é a nossa única forma de reflexão? Evidentemente que a consideramos como essencial, mas não única. A prova é que aqui estamos a pretender lançar uma Revista. Como parece evidente, o escrito é necessariamente conteúdo manifesto mesmo que nele se fale de Conteúdo latente. Quando Freud falou de apresentação de coisas e de palavras, referia-se à palavra auditivamente percebida, embora seja para mim ponto assente que a escrita fonética é a que permite ouvir com os olhos. O registo escrito está para o inconsciente como o sonho que se conta para a emoção primária que lhe deu origem. (...)

Tudo isto me leva a pensar que, sendo a Psicanálise uma forma de estar, de pensar e de agir (verbalmente), ela não é traduzível em palavras escritas. E, no entanto, o escrito é, na nossa cultura, inevitável. Os psicanalistas têm explicado muita coisa sobre o seu



próprio funcionamento mas creio que ainda não foi por eles explicado o significado desta traição inevitável que consiste em passar a escrito — como se fosse possível — uma experiência relacional. Que uso se faz dos nossos escritos? Não faço a pergunta para obter uma resposta consciente, descritiva, discursiva, e académica, mas apenas para me pôr — nos pôr — a reflectir. Já não estamos no tempo de Pitágoras e dos pitagóricos que, segundo consta, liquidavam fisicamente aqueles que revelavam o segredo das suas descobertas.»

Integram ainda este primeiro número os seguintes artigos: «Sexualidade e auto-estima na adolescência», de José Pedroso Flores, que assina também «Considerações sobre a aliança terapêutica»; «Elos significativos: A contribuição da Psicanálise para a Psicologia», de E. L. Cortesão; «O silêncio na comunicação analítica» e «Depressão, depressividade e depressibilidade», por António Coimbra de Matos; «Identificação — Projecção — Identificação projectiva», de Jaime Milheiro; «D. Duarte e a depressão», por Carlos Amaral Dias.

O preço deste número é de Esc. 350\$00, situando-se a assinatura anual nos 600\$00. Os pedidos devem ser dirigidos a Edições Afrontamento, Rua de Costa Cabral, 859 4200 Porto.